



CINEMA

N.° 6

1\$0

Na Capa: — Joan Crawford, protagonista do filme «O Coração Manda»

Redactores: João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração: Rua do Bomjardim, 436-3.º PORTO

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero fol visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas: Trimestre, 12\$00, Sem. 24\$00, Ano, 46\$00 — Ultramar: Trimestre, 14\$50, Sem. 29\$00, Ano 56\$00.

Administrador e Editor: Eugénio Peres

Comp. e imp. nas oficinas da Empresa AQUILA Rua Duque Saldanha, 312 PORTO

Paramount Films s.a.

ACABA DE EXIBIR

RUAS DA CIDADE

que toda a crítica e todo o público consagraram como uma obra-prima do fonocinema



EXIBE ACTUALMENTE

O CAFE' DO FELISBERTO

uma magnífica comédia, o melhor trabalho do popular actor

MAURICE CHEVALIER



E VAI EXIBIR BREVEMENTE

FATALIDADE

uma super-produção

MARLENE



de grande classe, com

DIETRICH

C
I
N
E
M
A
2



Um dos culminantes momentos dessa grande epopeia que é «Ben-Hur», formidável produção da «Metro-Goldwyn-Mayer», que brevemente será exibida no Pôrto, na versão sonora

O Cantinho dum Cinéfilo

Já pensaram os nossos possíveis realizadores ou produtores filmicos nas *royalties*, nos direitos que ha a pagar aos detentores das patentes que forem utilizadas na tomada de sons?

Fala-se na compra dum caminhão sonoro, que serviria, principalmente, para a filmagem de documentários portugueses. Apoiadíssimo! Mas já curaram de saber a quanto importam esses direitos por pé, ou por metro de negativo produzido, e já viram, depois das contas feitas, se a tiragem duma meia dúzia de cópias, que seria o máximo de possível colocação, compensaria tal iniciativa?

Reuniram ha dias, em Paris, os delegados da Western Electric, da RCA, da Tri-Ergon e da Tobis, os principais detentores das patentes empregadas na produção de filmes sonoros. Pensava-se que de tal conferência saíssem benefícios para os produtores, no que ao pagamento de *royalties* se refere. Mas não! A julgar pela imprensa francesa e pela alemã, após tal conferência, os delegados fizeram declarações muito vagas, e parece que beneficio algum, antes pelo contrário, colherão os que adoptam na produção dos seus filmes os sistemas com as patentes daquelas casas.

Antes, pois, que qualquer entidade portuguesa se abalance à aquisição duma instalação para tomada de sons, ha que embrenhar-se bem no assunto. Demais, já existem outros sistemas que julgo não fazerem parte do grupo dos potentados, e aos quais, de-certo, não ha que pagar quaisquer direitos.

Ha que investigar. Ha que proceder calmamente, sem precipitações que podem ser ruinosas e fatais para a produção cinematográfica portuguesa.

■ ■ ■

Prossegue a idela da construção dum estúdio para a produção de filmes portugueses. Empenham-se nisso algumas individualidades em destaque no nosso meio cinematográfico. Mas, ao que parece, a realização material da ideia apresenta-se ainda muito afastada. E' que as facilidades não aparecem. Os capitalistas encolhem os ombros, num gesto de desprezo pelo futuro do negócio, e as gentes que nele andam empenhadas só muralhas de dificuldades tem encontrado no seu caminho.

Diz-se para aí, nos bastidores da bisbilhotice cinemato-

gráfica, que 1.000 ou 1.500 contos estão já subscritos ou assegurados, o que, para principio, já seria, na opinião dos interessados, o preciso para o inicio dos negócios.

Mil contos? Mil e quinhentos contos? A que chega um milhão e quinhentos mil escudos para a construção dum estúdio e para a produção dum primeiro trabalho, dum só que seja? Não! De-certo que se referem só ao numerário preciso para a produção dum filme de alguma envergadura, e para isso, sim, mil e quinhentos contos, se não é demasiado é suficiente, desde que pensem em fazer muito bem as contas das despesas da deslocação, dos dias prováveis de permanência lá fóra, do aluguer dos estúdios, dos salários, etc., etc., tudo por peso e medida, com boa administração, sem os gastos supérfluos que sempre oneram um orçamento, quando a falta de orientação, quasi sempre pela falta de ponderação que a ausência de prática ocasiona, é que preside à realização dos trabalhos.

■ ■ ■

Mil e quinhentos contos para um estúdio. não! Que não se façam tentativas, que não se adaptem barracões, que não se agarrem ao *provisoriamente*, como tábuas de salvação para o emprêgo do restrito capital obtido, porque tais instalações provisórias, tais adaptações, tais tentativas só serviriam para tumba do capital arranjado, e fechariam, quem sabe se para sempre, as portas dos cofres daqueles que poderiam vir a interessar-se na industria cinematográfica portuguesa.

Assentem-se planos. Ideias seguras. Bases sólidas. E façam-se coisas definitivas, em condições de produzirem boas obras. Mas para isso é preciso dinheiro, mais dinheiro. Os terrenos, a construção dos edificios, custam muitas centenas de contos. A aparelhagem do estúdio, mesmo com o mínimo possível de material, custa muito perto dum milhão de escudos, se não mais. A instalação dos laboratórios, outros tantos escudos. E fóra o mais.

Nada de precipitações. Guardem, assegurem esses mil e quinhentos contos. E persistam, e teimem, e procurem arranjar mais dinheiro. *Matéria atrai matéria...*

E só quando tiverem o preciso para se fazer coisa em termos, então é que devem gritar: «Mãos à obra!»

Janet Gaynor e Charles Farrell

Encontrei em cima da minha secretária um papel dobrado em quatro, com duas linhas dactilografadas, informando-me que as tomadas de vista do filme «Merely Mary Ann» tinham começado e que Charles Farrell seria, nesta nova produção, o «partenaire» de Janet Gaynor. Uma notícia bem banal que os serviços de publicidade da «Fox Film» espalham por todo o mundo, — e que reunia dois nomes que já estavam habituados a lêr em conjunto, mas que acontecimentos vá ios tinham bruscamente separado...

Ainda não foi ha muito tempo...

Dois jovens artistas, — um rapaz alegre e sincero e uma encantadora ingénua —, obedecendo ao seu «metteur en scène» que, para satisfazer uma exigência do filme lhes ordenara que se amassem um ao outro, tornaram-se pura e simplesmente dois enamorados na vida real... As suas cenas de amor foram as mais sinceras e comunicativas de todas as que foram filmadas nas decorações de cartão de Hollywood... Era o par mais amado e mais simpático do «écran»: Charles Farrell e Janet Gaynor!...

Em frente dum tam vivo sucesso, os produtores resolveram escolhe-los como vedetas dum novo filme que deveria assemelhar-se ao grande éxito que foi «A Hora Suprema». E por outro lado, animados de sentimentos mais nobres, Charles e Janet resolveram unir os seus nomes igualmente famosos por um acto oficial, — que não era positivamente um contrato de produção, mas simplesmente uma licença de casamento...

Hollywood palpitou com este amor de que se conheciam os mais pequenos incidentes... Mas bruscamente, antes da apresentação daquele filme vivido, um rumor circulou. Janet tinha devolvido a Charles o seu anel de noivado e tinha posto um ponto final áquele belo romance de amor!...

Alguns meses mais tarde, lia-se nos jornais que Janet tinha partido de Hollywood para se ir casar com Lydell Peck, novo e rico advogado em San Francisco...

Charles ainda era uma criança sensível... abandonou o estúdio, fugiu dos seus amigos e foi-se refugiar perto da mãe, uma doce velhinha que muito o adora, — e durante muito tempo ficou a viver com ela, para chorar como um perdido, sem vergonha nem mau orgulho...

Quando olho para esta fotografia, humedecem-se-me os olhos. E' que eu nunca mais esqueço esta comovedora cena de «A Hora Suprema»
•CHICO!... DIANA!... O CEU!...•

Carta de Hollywood

(ATRAZADA NA REDACÇÃO)

Ainda o Inquérito de «Film Daily» — «The Man I Killed», um filme que toda a crítica elogia — Mary e Douglas continuam a trabalhar

Faz hoje precisamente uma semana que vos escrevi, dando conta do resultado do inquérito do «Film Daily», e só hoje me é possível dar mais pormenores sobre tal inquérito, que visa a saber quais são, na opinião dos críticos americanos (este ano votaram 340 críticos cinematográficos), quais os 10 melhores filmes do ano. Já dei nota dos 10 mais votados, mas acho curioso mencionar os filmes que se lhes seguiram :

Fita	Voios	Fita	Votos
Little Caesar	97	A Connecticut Yankee	45
O Tenente Sedutor	91	The Millionaire	45
Trader Horn	88	Tabu	42
Royal Family of Broadway	73	Marrocos	38
An American Tragedy	69	Saudade	31
Alexander Hamilton	65	Os Filhos	31
Outward Bound	57	Anjo Azul	28
Public Enemy	56	Spirit of Notre Dame	22
Waterloo Bridge	55	Tom Sawyer	22
O Papá das Pernas Altas	52	Dirigible	20
Susan Lenox	50	Criminal Code	18

Alguns destes filmes já passaram, de-certo, em Portugal, e os leitores do «Cinema» acharão interessante fazer confrontos entre o agrado que lhes mereceram e a cotação que lhes deram os críticos americanos.



«The Man I Killed» («O Homem que eu Matei») estreou-se a 19 deste mês no «Criterion», de Nova-York. Toda a imprensa Nova-Yorkina é unanime em elogios a esta nova produção da «Paramount», e não se cansa de salientar a realização de Ernst Lubitsch. Parece-me que já disse para aí que a «Paramount» não está muito disposta a renovar o contrato de Herr Lubitsch, e tem constado que ele irá para Nova-York, dirigir a montagem de uma peça teatral. Pode ser que, no entanto, o provável éxito de «The Man I Killed» altere as disposições da «Paramount».

Se Lubitsch sair desta casa, é quasi certo que Rouben Mamoulian conquistará rapidamente a posição vagante deixada pelo realizador alemão. E sabe-se, positivamente, que Mamoulian vai dirigir Chevalier em «Love Me To-Night»...



Afinal, Mary Pickford continua a trabalhar. E Douglas também.

A «Noiva do Mundo», que tem estado preocupadíssima com a escolha do assunto para a sua próxima película, recusou muitas dezenas de histórias. Disseram-me aqui no departamento de publicidade dos estúdios da «U. A.», que Mary Pickford se havia decidido, finalmente, por «Happy Ending» («Acabando Bem»), da autoria de Frances Marion. Vocês conhecem Frances Marion? É uma das mais acreditadas autoras de cenários norte-americanas, e a ela se devem alguns dos mais belos argumentos. Viram «The Red Mill», com Marion Davies, «Love», com Greta Garbo, «Cossacks», com John Gilbert, «Wind», com Lillian Gish, «Their Own Desire», com Norma Shearer? São todos da autoria de Frances Marion, que conhece, como poucos, o segredo de dar a um argumento, seja original seja adaptado, as qualidades necessárias para o tornarem facilmente cinematografável.

«Happy Ending», que me anunciam como a próxima fita de Mary Pickford, não terá sido escolhida principalmente por causa do título? Não será o último filme de Mary, e não quererá ela dar um «happy end» à sua longa e brilhantíssima carreira?

Quanto a Douglas Fairbanks, anda com a mania das viagens. Agora parece que vai fazer um filme nos Mares do Sul, e diz-se aqui que em Fevereiro próximo partirá para Tahiti com três escritores e o pessoal técnico.

Hollywood, 29 Janeiro 1932.

JOÃO PORTUGAL.



G. W. Pabst constrói um forte no Sahará

G. W. Pabst, o célebre «metteur-en-scène» que realiza «A Atlântida», de Pierre Benoit, decidiu construir um forte em pleno oásis sahariano, para a filmagem de umas cenas deste filme. O architecto que desenhou os planos da construção, estabeleceu um orçamento de trezentos mil francos.

Uma central eléctrica será instalada nas dependências desta grandiosa construção.

Janet voltou para Hollywood. Já não era a ingénua d'antanho, de olhar terno e tímido, de graça discreta como um perfume de violetas. O seu marido tinha-a levado para um mundo novo. Ela era rica e considerada. Era agora uma mulher muito elegante, talvez mais bonita, mas infinitamente menos encantadora...

Charles tinha retomado a sua actividade. Encontraram-o entre os bandos alegres que nos «week-endes» vão num «yacht» ao longo das costas californianas com um «jazz» negro e «champagne» de contrabando... Os menos discretos fizeram saber que ele frequentava com uma regularidade singular uma rapariga que amava muito mais do que as habituais companheiras do «charleston» ou do «tennis»... Esta mulher era Virginia Valli...

Janet seria feliz na sua casa de Olaya del Rey? Sem dúvida... Lydell era um companheiro agradável, mas não indispensável...

Janet tinha conservado a sua independência... Três vezes num ano partiu para Honolulu, a passar umas férias com sua mãe, — enquanto Lydell ficava no continente... Em dezembro de 1930 era chamado urgentemente para perto de sua esposa... Operada em plena crise de apendicite, Janet Gaynor devia ficar durante muito tempo entre a vida e a morte...

Em princípios de 1931, Charles Farrell casava-se com Virginia Valli... Carleton Hoekstra, amigo e «manager» de Charles, entrega aos esposos dois bilhetes para uma viagem à Europa no paquete «Augustus»... Começara a lua de mel...

Quando abriu os jornais, ao beber o chá no terraço do seu «bungalow» de Palm Spring, Janet Gaynor ficou sabendo do casamento do seu amigo... Sofreu?... Quem sabe?!...

... Mais tenaz, mais durável que o seu amor, o carinho e o interesse dos públicos cinematográficos uniu Charles Farrell e Janet Gaynor mais uma vez... «Alta Sociedade» foi um filme produzido depois dos dois casamentos que tanto deram que falar... E eles ainda continuarão a representar as antigas cenas apaixonadas e ternas do seu antigo idílio, que, contrariamente aos que vemos no «écran», não acabou por um casamento nem por um beijo em primeiro plano...

JOSA.

Nesta semana fazem anos:

27 de Fevereiro a 4 de Março

- Fev. 27 — Joan Bennett (21).
- 27 — Ian Keith (33).
- 28 — Hale Hamilton (49).
- 28 — William Welmann, realizador.
- 28 — Gladys Belmont (21).
- 28 — Trude Berliner.
- Março 1 — Lois Moran (25).
- 1 — Charlotte Susa.
- 3 — Mary Astor (26).
- 3 — Jean Harlow (21).
- 3 — Edmund Lowe.
- 4 — Dorothy Mackaill (28)

C
I
N
E
M
A
5

Correspondência

???? — Antes de mais nada, não se esqueça de mudar de pseudónimo. Isso de terminar o seu postal dizendo «sou quem sabe» e assinar com pontos de admiração atravessados por hieroglifos, não está bem.

1.^a — O «Águia d'Ouro» levou o Ken Maynard, pela mesma razão que o «Trindade» levou o actor A, o «Olimpia» o actor B, o «Batalha» o actor C. Ou, melhor, porque assim o entendeu, sem dever dar satisfações a ninguém. 2.^a — Uma foto da Kaethe von Nagl? O meu caro, por isso está o director mortinho! O que ainda não houve foi oportunidade para a publicar.

DOIDO POR LOIRAS — O meu fidelíssimo correspondente, tenha paciência mas essa pergunta é muito difícil! Adivinhar o nome duma actriz que ultimamente impressionou vivamente o nosso director, isso é procurar agulha em palheiro! A Lillian Roth? A Marlene? A Betty Stockfield? A Marie Glory? A Sylvia Sidney? Vá lá, aposto em como se refere à Marie Glory! Mas olhe que ele agora anda todo Sylvia Sidneyfido. Ele é Sylvia para a esquerda, Sylvia para a direita, Sylvia ao almoço, Sylvia ao jantar, Sylvia a todas as horas. Até já perguntou à «Paramount» quando é que veem novos filmes da Sylvia Sidney! Boa, aconteceu-lhe há dias, segundo ele próprio confessou: Andou um tempo zangado com a mulher só porque, numa noite, sem querer lhe chamou Sylviashinha! Foi o diabo!

Agora, outra coisa: Dê os meus cumprimentos à sua «Pepe», a tal «rapariga que é um amorinho», como Você diz, mas ouça um conselho: não a apresente àquela pessoa que sabe! Não digo o nome, por causa do director...

JE T'AIME, ANITA PAGE! — Se me lembro de si? Pudera! Eu nunca mais me esqueço de nenhum correspondente, mesmo que me tenha escrito uma vez só! Então, continua louquinho pela Anita? Desse mal sofre muito boa gente. Já teve o gosto de a ver ha dias em «O Fabricante de Estrélas». Quanto a «O Rei do Volante» e «Coração de Marinheiro», a pesar-de já anunciadas para a época finda no «Trindade», não serão exibidas neste cinema. Não sei se o serão em qualquer outro. Quando virá um filme de Joan Marsh? Isso também eu queria saber! De Esther Ralston, ha um filme «The Prodigal», com Lawrence Tibbett, que deve ser exibido esta temporada.

C Agradeço os versinhos que me mandou, dedicados à Anita Page. Eu queria publicá-los, mas mostrei-os ao Sousa Martins e ele desmaiou... Sobretudo quando chegou àquele que diz:

**Anita, quero-te vêr
Nem que seja uma só vez.
Quero que proves um beijo,
Do mais belo português.**

A Primeiro, «o mais belo português» não é Você! E o Alves Costa? E depois, isso de você querer vê-la, e, só por isso, pretender que ela «prove» um beijo seu, não está muito certo. Também o A. A. P.

Anny Ondra



— «Coquette», frívola, irre-quieta, — nervos que tem vinte anos... Uma alma de novela. Um corpo estilizado. — página de magazine. Temperamento indócil a espreitar nos olhos chamejantes. Um tipo de estranha beleza, — a beleza imaculada duma monja que tivesse desejos impuros... Anny, galante feiticeira, é a amante ideal para correr todas as cidades do mundo, de braço dado, de hotel em hotel, colecionando as varias fases do seu sorriso e do seu olhar, — sorriso doce como «Kumel», olhar curioso com uma chave...

Anny é um simbolo; tem todas as ideias da mulher moderna com as suas imperfeições deliciosas, e uma expressão cândida de ingénua que por vezes desmente o seu diabrismo de conquistadora...

JORGE RAMOS.

já viu muitas atrizes de cinema, em carne e osso, e, a respeito de beijocas... temos conversado!

AMERICAN GIRL — 1.^a — Pola Negri, «RKO Studios», 780 Gower St., Hollywood, Cal. 2.^a — Douglas Fairbanks Jr. e William Powell, «Warner-First National Studios», Burbank, Calif. O primeiro, casado com Joan Crawford, o segundo com Carole Lombard. Que dois amóricos!

ÁS — «Ás», em quê? Será, par acaso, ás... no cinema? Pela letra, parece estudante de medicina. Tem uma caligrafia pior do que a minha. Que eu, já por isso, vou escrevendo tudo à máquina...

Lillian Harvey nasceu na Inglaterra,

trabalha ha muitos anos na Alemanha, e faz fitas em alemão, inglês e francês. Escreva-lhe ao cuidado da «Ufa», Kochstrasse 6 8, Berlim SW 68. Janet Gaynor, «Fox Studios», Movietone City, California. Marlene Dietrich, «Paramount Public Studios», Marathon Street, Hollywood, Cal. Greta Garbo, «Metro-Goldwyn-Mayer Studios», Culver City, Cal. Clara Bow, «Columbia Studios», 1438, Gower St., Hollywood, Cal.

Selos americanos, se não os houver no Consulado dos Estados-Unidos, só em qualquer casa bancária, talvez Borges & Irmão.

E para outra vez, só 3 preguntinhas de cada vez, sim?

TREVO DE 4 FOLHAS — Barry Norntem 26 anos; nasceu em Buenos Ayres. Vai vê-lo muito em breve, em «Fatlidade», ao lado de Marlene Dietriche. José Mojica tem 32 anos; nasceu em San Gabriel, no México. Vimo-lo ainda ha pouco em «O Preço dum Beijo». Ken Maynard tem 36 anos, nasceu em Mes-sion, Texas, e apareceu ha pouco em «O Lobo da California».

ROSALINA — John Gilbert é divorciado de Leatrice Joy e ainda está casado com Ina Claire, porque o seu divórcio com esta última ainda não foi decidido. Continua trabalhando para a «M-G-M», para cujos estúdios de Culver City, Cal. lhe pode escrever.

JOAQUIM DO SACRAMENTO F. — Tenho muita pena, mas esta revista não quer correspondência trocada entre leitores, por intermédio desta secção. O meu amigo tem todo o direito de figurar na «Correspondência» e faça as perguntas que quiser, dirigindo-as para «Eu Sei Tudo», Revista «Cinema», Rua do Bom-jardim, 436-3.º, Porto.

SOUSA LOPES — Bebe Daniels nasceu em 14 Janeiro 1901. E como a Billie Dove é precisamente mais nova dois anos e quatro meses do que a Bebe Daniels, facil lhe será saber quantos anos tem a Billie Dove.

EU GOSTO DA SYLVIA SIDNEY — ... e vão 3. «Madame Satan» foi realizada por Cecil B. De Mille e tem como protagonistas Kay Johnson (você ainda me ha-de escrever com o pseudónimo «Eu Gosto da Kay Johnson...») e Reginald Denny. Dizem-me que é uma grandiosa super-produção. Mas eu, nestas coisas, sou como o São Tomé...

VIVA A ALEMANHA! — Viva! Mostrei a sua carta ao nosso director, e éle, que é todo germafófilo (uma semana em Berlim, conversas com a Maria Paudler, com o Jannings, com a Gerda Maurus, uma visita à «Ufa», umas passeatas com a gente da «Ross», e pronto, foi o suficiente...) gostou imenso. Aí vão as direcções que pede: «Ufa», Berlim SW 68, Kochstrasse 6/7; «Aafa», Berlim SW 48, Friedrichstrasse, 223; para a «Emelka», escreva «Muenchener Lichtspielkunst A. G., Muenchen, Sonnenstrasse 15.

Se quer visitar os estúdios da «Ufa», deve munir-se de qualquer recomendação. Aconselho-o a não ir directamente a Neubabelsberg; passe primeiro pelos escritórios, em Kochstrasse.

EU SEI TUDO.

O Coração Manda

(Montana Moon)

Produção da «Metro-Goldwyn-Mayer»

Realização de Malcolm St. Clair

PRINCIPAIS INTERPRETES

Joan Crawford	Joan
John Mack Brown	Larry
Dorothy Sebastian	Elizabeth
Ricardo Cortez	Jeff
Benny Ruben	O Medico
Cliff Edwards	Froggy
Karl Dane	Hank
Lloyd Ingraham	Mr. Prescott

— ARGUMENTO —

Joan têm um temperamento especialíssimo e um bom coração, mas ninguém a compreende, nem mesmo seu pai, com quem está sempre em perfeito desacordo.

Filha de gente abastada, o seu feitio rebelde e despota em ligação com o mimo e a imediata realização dos mais requintados caprichos, fizeram dela uma mulher não para obedecer mas para ser obedecida. O seu espírito é tanto ou mais variável que o tempo. Saturada da confortável vida cidadina, parte, sem governo, pelos campos fóra, disposta a gozar a plenos pulmões a vida ao ar livre. A sua resolução baseia-se também num outro motivo forte, assaz humano e mo-

ral. E' que, eclipsando-se, via-se fora do alcance dos parvos galanteios de Jeff, que a adorava, se bem que pretendente à mão de sua irmã Elizabeth.

A aventura fa-la conhecer um esbelto cow-boy, Larry, o homem que o seu coração imediatamente define como o «tipo verdadeiramente ideal.» A verdade é que ainda nenhum outro mancebo a sensibilizara tam profundamente. Um animado «flirt» se inicia, e, como para Joan os preconceitos não marcavam, nem por momentos pensa na disparidade existente nas suas mutuas posições sociais.



Casam-se sem alarido, e ei-la, acompanhada do marido acabado de «pescar», a caminho do lar paterno, resolutamente decidida a dar aos seus a imprevisita noticia e a apresentar o companheiro ao exigente meio em que vive.

A levandade de Joan é por todos mal recebida, excepto por seu pai, a quem o acontecimento não desagrada. Pensa mesmo em que é a primeira vez que a filha agiu de perfeito acordo com ele!

Em breve Joan olvida a séria situação que criara. A nostalgia da vida doirada novayorquina apossa-se do seu leve espírito. E, como nada havia que a prendesse, nem mesmo o docil e amoroso Larry, acariciava agora com entusiasmo a existencia frívola que interrompera, e da qual Nova York fóra o principal campo de acção.

O marido tenta convence-la a não levar por diante os seus futeis desígnios, mas Joan, muito «senhora do seu nariz», não lhe dá ouvidos. Arranjar as malas e partir é obra de momentos. Irá só!

A diligencia em que viaja é assaltada em pleno descampado. Uns braços possantes raptam-na. Joan, aterrorizada, não duvida de que caíra nas mãos de terríveis bandidos. A certa altura, o homem que tam sofregamente a arrebatara, aranca a máscara. O bandido não é outro senão Larry! Joan encara a proeza como uma prova de verdadeiro amor. Rende-se! — E' tempo de deixar de ser criança, — pensa! O seu lugar é junto do simpatico cow-boy que escolhera para marido. E adeus Nova York, que outros deveres mais altos se impõem...!



NOVAS

Hollywood renova-se incessantemente... Todos os dias aparecem novas «estrelas» no céu constelado de Hollywood... O cinema americano possui um maravilhoso elixir de juventude, — que são as suas mulheres bonitas e arrebatadoras...

Os novos batalhões de «estrelas» são sempre simpáticos e graciosos... Resolvidas a chegar ao estrelato máximo à custa de todos os sacrifícios e trabalhos, confiantes na sua juventude e na sua mocidade estuante, — as novas «stars» teem já o seu nome, os seus admiradores, os seus «boy-friends», os seus primeiros escândalos... Porque, como vocês sabem, não é o «écran» que consagra definitivamente um nome, mas sim as discussões e os «potins» que se travam a uma mesa de chá, — e que são a principal distração de Hollywood...

As desconhecidas de ontem, as «estrelas» de quem toda a gente hoje fala, — as grandes vedetas de amanhã...

Madge Evans é a nova «partenaire» de Ramon Novarro... E' uma loira adorável com uma vida à grande «vedeta», e que não recebe ninguém quando está a filmar, — o que faz zangar o seu chefe de publicidade...

Miriam Hopkins, que trabalha num grande filme ao lado de Claudette Colbert e Maurice Chevalier... Peggy Shannon, Sylvia

Uma cara nova que é a maior revelação desta temporada — Sylvia Sidney. A sua Nan, de «Ruas da Cidade», fica gravada a letras de ouro no registo das belas interpretações filmicas. Agora, estamos todos à espera que a «Paramount» nos mande «An American Tragedy», «Confessions of a Co-Ed», «Ladies of the Big House» e «The Miracle Man».



W Y N N E G I B S O N

é uma cara que vimos pela primeira vez ha días, no papel de Agnes de «Ruas da Cidade». Papel de certa importância, bem compreendido e bem representado. Wynne Gibson não esquecerá mais.

Sidney que substituiu Clara Bow em filmes que os directores lhe destinavam... Vocês viram outro dia Sylvia no «Trindade»... Não é uma nova Clara... O seu encanto é original e pessoal, — não imita nenhuma estrela... precioso resultado da união dum romano e de uma russa, ela é eslava até à raiz dos cabelos e tem um rosto redondo, uns olhos claros, a boca larga e carnuda, — uma nova formula de beleza fotogénica...

Juliette Compton, que já não é uma principiante, procura pelo contrário lançar-se fazendo absurdas competições com Greta Garbo...

Jean Harlow é uma das mais originais criaturas de Hollywood... Adoram-na e detestam-na... Mas Jean fica completamente indiferente... Quando entra num restaurante ou numa sala de espectáculos, todos os olhos se voltam para ela... O que fascina principalmente nela é a estranha anomalia dos seus alhos azul eléctrico e a palidez dos seus cabelos tam louros que até se inventou para eles este nome impressionista: o louro platina!... E' o tipo da mulher perigosa para a paz dum lar...

Comentário a «Comentários»...

«Invicta Cine», no seu último número, mostra claramente que aquela secção «Comentários» não é feita por qualquer pessoa que esteja enfarinhada cá nos assuntos do cinema...

Porque, se o fosse, não censuraria o «Batalha» por apresentar «O Rei dos Borlistas» na mesma ocasião em que o «Águia d'Ouro» estreava «O Rei da Graxa», porque não ignoraria que os filmes são marcados com certa antecedência e só difficilmente são alteradas as marcações feitas. E não era muito provável que o «Batalha», mesmo que tivesse a pouca esperteza de «querer aproveitar-se do reclamo feito a «O Rei da Graxa», conseguisse, com cinco ou seis dias de antecedência, adiar a estreia do filme que porventura tivesse marcado para essa data e fazer a marcação de «O Rei dos Borlistas».

De resto, e sabido como era o valor de um e doutro filme, a empresa do «Batalha» seria muito pouco inteligente se esperasse pela estreia de «O Rei da Graxa» para exhibir «O Rei dos Borlistas».

Calhou! E assim, não conseguiu evitar que muita gente que foi ver «O Rei da Graxa» desistisse depois de ir ver «O Rei dos Borlistas»...

CARAS

Menos espalhafatosa que Jean Harlow, Wynne Gibson marcha para a fama e a glória discretamente, sem ostentação... Já fez o seu quinto filme, e o seu nome já anda nos grandes jornais.

Carmen Barnes é o caso mais sensacional de Hollywood: foi promovida a «star» muito antes de ter enfrentado uma máquina de filmar!...

Ha três anos, uma rapariguita de quinze anos escrevia candidamente um romance onde descrevia o que se passava na sua pensão... Um dia, a dona da pensão descobriu o original do romance, leu-o, apreçou-o... e resolveu pôr na rua aquela garota, — que não era outra senão Carmen Barnes... Isto foi coisa falada, e toda a juventude americana defendeu aquela escritora prodígio... Animada, Carmen escreveu o seu segundo livro: «O meu belo amante»... A «Paramount», divertida e seduzida por esta jovem personalidade, contratou-a para escrever um cenário... Partiu para Hollywood, e o seu físico começou a ser notado... Uma rapariga de dezoito anos, tendo já dado abundantemente que falar, e aparecendo no papel que tinha escrito, seria um acontecimento capaz de galvanizar todos os entusiasmos... No dia seguinte, Carmen Barnes conheceu a glória: reporters, fotografos, autografos, publicidade, tudo!... O filme anunciado não foi realzado... O cenário foi guardado para mais tarde... E Carmen ficou assim a ser uma «estrela» que ainda não entrou em nenhum filme!...

Claudette Colbert apareceu uma só vez nos nossos cinemas — em «O Grande Charco», ao lado de Chevalier. E com Chevalier também, vamos vê-la ainda esta temporada em «O Tenente Sedutor».



P1090-86

A VIDA DE



Ha aproximadamente quatro anos que Lupe Velez apareceu em Hollywood com um vestuário perturbante, os seus olhos longos e estreitos, a sua pele dourada, e seu riso aberto e franco... Era uma adorável rapariga cujos sentimentos se misturavam como num «cocktail»: — a candura, a ardileza, a franqueza... E depois era um pouco romântica, — mas sabia sentir a alegria de viver!...

Chamava-se Guadalupe Villabalos... Mas logo inventou um nome mais curto, mais fácil de reter, mais musical: Lupe Velez...

A mãe cantava na Opera de Madrid antes de fazer um casamento de amor... Eram cinco irmãos... Arruinada a família parte para New Mexico, cidade natal do pai... Lupe descende em linha recta dos índios azteques. A religião de sua mãe, o feroz catolicismo espanhol, mistura-se estranhamente com as antigas tradições pagãs, e através destas duas hereditariedades, Lupe Velez tornou-se pouco crente mas muito supersticiosa.

Lupe canta... Lupe dança... Lupe percorre todos os dias o «quartier» indio, onde escuta as predições das bruxas vermelhas, — que leem o seu destino num copo de água ou num ovo cru... Olham demoradamente para as mãos longas de Lupe Velez, e sempre predizem a fortuna e a glória...

Esteve no convento de Notre-Dame, perto do lago de San-Antonio... Durante dois anos, as freiras esforçaram-se por a converterem à severa lei monástica, a dominar os seus entusiasmos fogosos... Mas ela continua a ser a mesma criatura com instintos quasi selvagens e com caprichos indomáveis...

Durante uma das várias revoluções mexicanas, o seu pai foi gravemente ferido, — e de um dia para o outro veio a miséria rondar a sua porta... Lupe, que dançava por prazer, começou a dançar para ganhar... Em barracões primeiro, em teatros depois...

Um pouco mais tarde, Lupe vai para Hollywood... E' premiada com a sorte grande do cinema!... Douglas procurava uma «partenaire» para «O Gaucho»... Nota-a, contrata-a, — e, bruscamente, ela torna-se célebre...

Os jornalistas escrevem longos artigos laudatórios... Lupe ganha muito dinheiro...

Filma com Rod La Rocque, com William Boyd, com outros actores de nome...

Um dia, começa um novo filme «A

Por muito reduzida que fosse, uma fotografia em corpo inteiro, do Gary Cooper, não caberia na altura da página... E chamam-lhe nomes! Uns, «pinheiro triste»... Outros, «tamariz do deserto, despelada, sem flores e sem frutos»... Seja como fôr, é um actor excelente, que todos nós gostamos de vêr.

Canção do Lobo», que ainda não vimos, mas que se afirma como a sua melhor interpretação... Encontrou neste filme a atmosfera da sua infância. Identifica-se perfeitamente à bela mexicana que um desconhecido conquista aos primeiros olhares...

O romance de Lupe e de Gary Cooper foi o mais romanesco de Hollywood... Gary Cooper, alto, ósseo, calmo, um pouco grave... Lupe, a mexicana de sangue ardente, de riso satisfeito... Durante dois anos, Hollywood viu-os amar doidamente... Todos os reporters os fotografaram... Os «fans» perguntavam às revistas de cinema se eles se tinham casado...

Eles não respondiam às insinuações, ou afastavam os indiscretos por meio de declarações contraditórias, — e beijavam-se longamente na boca nos lugares públicos com uma tranquila imprudência!...

Depois... abcreceram-se um do outro...

Lupe Velez encontrou John Gilbert e depois de dez minutos de amena conversa — apaixonaram-se!... Quando Gilbert partiu para a Europa, Lupe veio despedir-se do seu amigo ao comboio e, obedecendo a um capricho extraordinário, partiu com êle sem secretário nem bagagens!... Não se importando com o escândalo, visitaram Paris, Londres e quando voltaram para Hollywood disseram isto com a maior das canduras:

— «Somos somente dois bons camaradas!»...

Pearl White

Pearl White parecia ter-se desinteressado pelo cinema desde que deixou os estúdios. Ultimamente encontrou-se com Maurice de Canonge num café de Montparnasse e conversaram sobre o cinema sonoro. No dia seguinte Pearl White visitou o estúdio da Rua da Villette, em Marselha. Foi uma festa quando entrou ali: toda a gente a cumprimentava, e Pearl, que não é muito expansiva, manifestou uma viva comoção. Maurice de Canonge agradeceu a sua visita e pediu-lhe para assistir à filmagem de umas cenas da sua nova película. Pearl White ficou imóvel perto do operador enquanto durou o registo das cenas. Nos seus olhos bailavam duas grandes lágrimas...

Foi depois que fez «A Canção do Lobo», com Gary Cooper, que Lupe Velez começou sentindo que o coração batia mais forte...

Lupe teve uma sincera paixão por Gary Cooper. Depois, talvez porque não fesse tem correspondida, virou-se para o John Gilbert...

Mas todos sabem, em Hollywood, que ela não esquece o seu companheiro de «A Canção do Lobo»...

LUPE VELEZ



Dentro e Fora dos Estúdios

Victor Francen, Raymonde Allain (ex-Miss França) e Martinelli serão os principais interpretes de «Beatrice Devant le Désir», que a Paramount vai fazer em França, da obra de Pierre Frondaie.

«Un honnête homme» é o título da fita que vários realizadores franceses vão produzir de colaboração, em benefício da Associação da Imprensa Cinematográfica e da União dos Artistas, de França. O cenário de «Un honnête homme» é de Yves de Mirandé e o filme será produzido nos estúdios de «Pathé-Natan», em Joinville.

Mais de 60 % das escolas americanas usam o cinema com o fim educativo. 99 % dos professores afirmam que o cinema é vantajoso para a educação.

O realizador do filme «Rebecca of Sunnybrook Farm», a próxima película que Janet Gaynor e Charles Farrell vão interpretar para a «Fox», será Al Santell, que acabou há pouco «Polly of the Circus», com Marion Davies, para a «M.G.M.», e foi o realizador de «O Papá das Pernas Altas».

A casa americana «Tiffany» acaba de ser financiada com 2 milhões de dollars pela «U. S. Steel Corp.»

Creighton Chaney, filho do falecido Lon Chaney, foi contratado pela «Radio».

A fita da «Paramount», «The Man I Killed» (O Homem que eu matei), dirigida por Lubitsch, que foi estreada no «Criterion» de Nova-York, sofreu depois disso alteração no título, que passa a ser «The Fifth Commandment» («O Quinto Mandamento»).

O realizador francês Abel Gance esteve em Berlim, onde procurou obter o exclusivo dos filmes russos para a França.

O título da fita «Deux dans une voiture», de Joe May, foi alterado para «Paris-Côte d'Azur».

Robert Z. Leonard, o realizador de «A Divorciada», com Norma Shearer, vai dirigir «Strange Interlude», para a «M.G.M.», com Norma Shearer e Clarke Gable.

O pequeno Robert Coogan, logo que termine o seu papel em «The Miracle Man» («O Milagroso»), com Sylvia Sydney e Chester Morris, começará interpretando «Sky Bride» («Noite do Céu»), uma fita de aviação.

Estreou-se em Toquio, no «Ginza Cinema», a versão japonesa de «The Man Who Came Back», («O homem que voltou»), com Janet Gaynor e Charles Farrell, pelo processo *dubbing*.

Parece que em Maio próximo, Jonh Barrymore e sua esposa Dolores Costello terão um novo herdeiro.

A «M.G.M.» já tem em seu poder todos os argumentos para a sua produção de 1932/33. Falta apenas uma história para ser interpretada por Ramon Novarro. A maior parte daqueles argumentos

Pelas nossas Cinemas

A DIVORCIADA (Divercée) — Eu estava ansioso por ver «A Divorciada», por ver e ouvir Norma Shearer, tão ardua dos nossos cinemas.

E gostei. E gostei muito. Ponhamos de parte o motivo básico de todo o argumento, que me desagradou. Entenda-se bem que se trata simplesmente do desacôrdo em que eu estou com a proposição defendida, que me parece de moral duvidosa. Parece-me, digo eu. Outros achá-la-ão muito bem e estarão em completo acôrdo com ela. Eu cá, é que não suporto a ideia da mulher *descarrilar*, atolar-se num lamaçal tremendo, só porque o marido teve uma fraqueza que não lhe ocultou, e muito menos posso admitir aquela conciliação final, *aquele happy end* a abrir à mulher que cometeu muitas faltas, os braços do marido, que se lhe fecharam quando ela havia cometido uma falta, que prometia ser a única.

Venham sobre mim as feministas e



sufragistas que querem para a mulher direitos iguais aos dos homens, que eu não concordo nem um bocadinho com o tema do filme, ou, antes, com a maneira como está desenvolvido.

Tudo isto, porém, é uma opinião puramente pessoal, particular, que pouco tem com o valor filmico de «A Divorciada». E se a realização coloca Robert Z. Leonard, até ha pouco um cineasta de relativo mérito, nas primeiras filas dos

são tirados de novelas, e só uma pequena parte consta de peças teatrais.

Carole Lombard vai interpretar para a «Paramount», com Chester Morris e Regis Toomey, «The Glass Key», duma novela misteriosa de Dashiell Hammett, o autor de «Ruas da Cidade».

Lew Ayres vai interpretar «Night Club», com Mae Clarke, Boris Karloff, Hedda Hopper, Dorothy Peterson e J. Farrel MacDonald.

A próxima fita de George Bancroft, que se passa durante a Revolução Russa, chamar-se-á «The Red Harvest». 500 russos farão o papel de extras, entre os quais figuram vários antigos oficiais do exercito do Czar.

bons directores, se a decoraçào de Cedric Gibbons merece uma referência especial, pelo bom gosto que a sua direcção artistica imprime a todos os interiores, a interpretação atinge um grau superior, em cada personagem, em todos os personagens, a cargo de artistas de categoria, o que dá ao conjunto interpretativo um invulgar equilibrio. E Norma Shearer, que desempenha a protagonista, numa complexa figura, personagem das mais nuancadas atitudes, das mais variadas manifestações animicas, das mais diversas expressões, afirma-se no fonocinema uma das maiores actrizes, uma artista segura, precisa, completa.

Chester Morris, um nome que é preciso fixar como artista de valor. Precisamos de mais trabalhos deste excelente actor. Conrad Nagel e Robert Montgomery, dando a papeis secundários uma interpretação de categoria.

O conjunto interpretativo de «A Divorciada», só por si vale todo o filme. Olha, leitor, pode ser que também não estejas de acôrdo com o tema! Pode ser que te passe despercebida a realização de Robert Z. Leonard. Mas vai ver «A Divorciada», só pela Norma Shearer!

Norma Shearer! Sylvia Sydney! Que dois grandes talentos que o fonocinema americano nos acaba de apresentar!

Autora: Ursula Parrott. Cenarista: John Meehan. Director de som: Douglas Shearer. Decorador: Cedric Gibbons. Fotografo: Norbert Brodin. Vestuários de Adrian. Realizador: Robert Z. Leonard. Interpretes: Jerry, Norma Shearer, Ted, Chester Morris; Paul, Conrad Nagel; Don, Robert Montgomery; Helen, Florence Elridge; Mary, Helen Millard; Bill, Robert Elliot; Janice, Mary Doran; Hank, Tyler Brooke; Dorothy, Helen Johnson.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Lda. Estreada no «Aguia d'Ouro» em 22 Fevereiro 1932.

O CAFÉ DO FELISBERTO (Le Petit Café): — Eu gosto de ver trabalhar Maurice Chevalier. Sabe o que faz. Tem graça, tem *charme*, tem bem personalidade, tem *it*. Levou para o cinema os gestos, as atitudes que criára no palco, mas soube adaptá-los. E o público de todo o mundo recebeu de braços abertos o Chevalier-artista de cinema. E conquistou rapidamente a popularidade, gosando hoje talvez o maior prestígio dos intérpretes masculinos.

«O Café do Felisberto» tem como principal qualidade o nome de Chevalier. Ele, só por si, atrai o público a bilheteira, e ele só é o grande valor do filme. Todas as situações salientes, todos os momentos de maior graça, todas as cenas de destaque tem Chevalier como fulcro. Cinematicamente, o filme não possui quaisquer particularidades notáveis, e Ludwig Berger não subiu nenhum degrau na escala da sua carreira de realizador.

Yvonne Vallée (Madame Chevalier) foi talvez o melhor elemento francês que a «Paramount» tinha ao seu alcance em Hollywood, para o papel de Yvonne. Fez o que pôde, mas não convenceu.

(Continua na página 15).



NANCY CARROL

começou por uns papéis sem importância, em que apenas se destacava a sua carita redonda, de «bolachinha Maria»... Agora, depois de «Ceú Roubado», começamos a tomar a sério a Nancy Carrol

Reri não tardara a cair nos braços do seu amante. A lei da voluptuosidade, sob aqueles climas, é irresistível. A sua embriaguez, a sua ternura tornaram-se célebres na tribo. Citavam-nos como exemplo; e seus pais desculpavam o arrebatamento da juventude, lembrando-se de que em breve deviam celebrar o banquete de núpcias, com os seus regosijos, que durariam de manhã à noite, durante muitos dias.

No entanto, certa manhã, anunciaram que uma vela estava à vista. Um navio grande, pintado de claro; um três-mastros. Foi então uma verdadeira aluvião para a praia, onde as pírogas de balouço aguardavam. Remando com todas as suas forças, chegaram junto da goleta desconhecida.

Reri, com as suas companheiras, tomara lugar na maior piroga de balouço duplo e docel de colmo, onde a donzela, enfeitada com flores frescas, era mais sumptuosa que uma rainha. Matahi, a pé no seu fragil esquife, tinha adiante dele seu irmão e obrigava os seus rivais a um verdadeiro *match* de velocidade.

O barco chamava-se *Moana* e vinha doutra ilha. A bordo, encontrava-se o feiticeiro Hitu representante do grande sacerdote que reinava em todos os *atolls* oceânicos. Hitu, vinha trazer as ordens do seu amo ao chefe do clan, ao pai de Matahi.

Quando os polinésios atingiram o navio, que ancorara ao largo dos terríveis corais, fizeram-lhe um verdadeiro assalto. De todos os lados, mãos escuras se lhe agarraram, umas à corrente da âncora, outras às vigas do mastro da proa, e outras ainda aos cabos que pendiam do casco. Nalguns minutos, a cobertura foi invadida.

Mas o rumor alegre dos recém-chegados não tardou a extinguir-se. Esperava-os Hitu, sentado debaixo dum guarda-sol, de pernas cruzadas. E raro era que o feiticeiro fosse portador de boas novas.

Matahi dera meia-volta, porque seu irmãozito tivera um esquecimento imperdoável: abandonara na praia o seu habitual companheiro de brincados, um báculo. Logo que o filho do chefe apanhou o animal, dirigiu-se outra vez para o navio.

A bordo, no meio dum grande silêncio, o pai de Matahi, veterano da colónia da ilha, saudara o representante do grande sacerdote e sentara-se ritualmente em frente dele. Trocaram-se as congratulações sagradas. Depois, Hitu desdobrou um papel que trazia num estojo de bambú e leu:

«Por ordem do grande sacerdote, e para evitar uma catástrofe no género daquela que acaba de destruir Mooreea, uma rapariga da clan deve ser declarada «Tabu» e consagrada aos deuses. Será para a sua família uma grande honra. A escolhida será reconduzida a Waipiti a bordo do *Moana*. A escolha dos deuses, consultados, recaiu sobre Reri, «a pérola das ilhas», filha de Lulea».

O chefe ouvira aquela mensagem em silêncio e tremia já em seu coração. Sabia como Matahi amava Reri e também como o carácter indomável de seu

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Apresentada pela “Paramount”

5—(Continuação)

Os que tinha ouvido aquilo empurravam já para a frente a desgraçada Reri.

Ela, naquele momento, encon-

trava-se entre dois sentimentos complexos: orgulho de ter sido escolhida entre todas para aquele simbólico matrimónio; desgosto profundo por ser para sempre separada do seu amante.

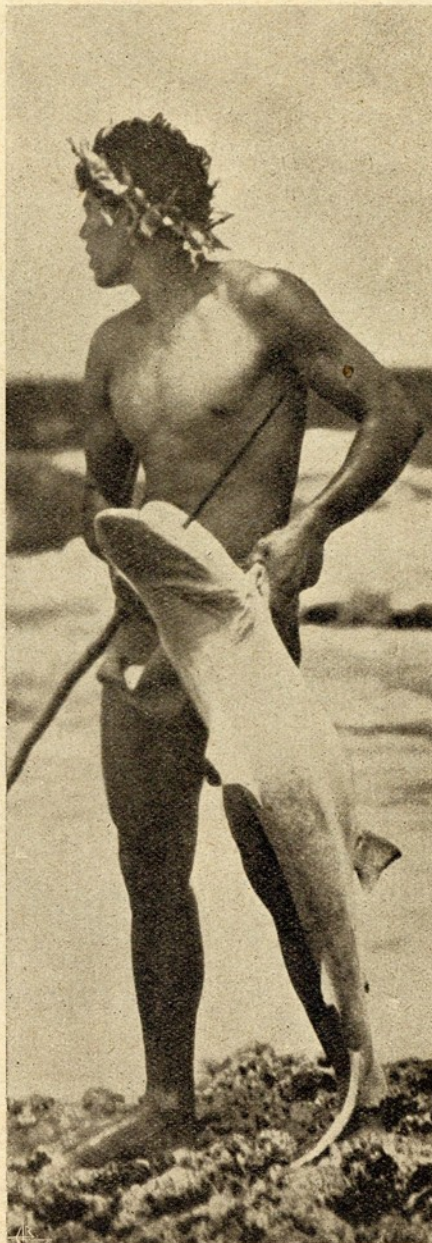
Rodearam-na logo seus pais, cumalados de felicitações por uns, invejados por outros, um tanto surpreendidos também, mas satisfeitos com aquela distinção que estavam longe de esperar. Passaram-lhe ao pescoço pesadas corôas feitas de flores sagradas. Por fim, sobre a cobertura do navio, com a timidez e o orgulho simultaneamente desenhados em seu rosto, ela caminhou para Hitu, que a esperava.

O representante do grande sacerdote era um velho de bigode branco, olhar profundo e duro de ave de rapina. Tinha as feições cavadas pela idade e pelas vigílias; curvava-se para a frente. Mas sentia-se nele o hábito do mando, e uma grande majestade, aliada a um total respeito pelos deuses que guiam os nossos passos hesitantes sobre a terra e cujo poder se estende, tanto ao mal como ao bem. Naquele instante, com a sua face impassível, o feiticeiro parecia a própria encarnação dos génios que nos dominam.

Gemendo, Reri deixou-se cair diante dele de joelhos, e beijou-lhe as mãos. Ele estendeu a destra, com meiguice, sobre a cabeça daquela que ia tornar-se a «sua criatura». Reri, então, desatou em soluços. Muitos dos circunstantes, porém, julgaram que a donzela chorava de felicidade. Ninguém ousava encará-la a não ser aqueles que, entre os mancebos, sabiam a dedicação que se votava ao par eleito, não podendo a idela de ser consagrada ao culto divino encher-lhe o coração de entusiasmo, de fé e de embriaguez. Realmente, Reri sentia-se fraca, diante da palavra que a esmagava, como um cordeirinho; e em vão lançava para um lado e para outro olhares desvaírados, pois bem sabia que ninguém ousaria correr em seu socorro, nem arrancá-la à sorte que a esperava.

Ah! desgraçada entre as desgraçadas! Como a felicidade passada era bem por ela apreciada, agora que a tinha perdido! E que fizera ela à divindade para ser assim escolhida entre todas, e prometida ao mais terrível e ao mais glorioso dos holocaustos?

Foi nesse dramático momento que apareceu Matahi. Escalara o flanco do costado do navio, e dum pulo, transpusera a amurada. A multidão dos indígenas não lhe permitiu logo distinguir o que se passava. Mas não tardou a descobrir a sua bem-amada, tendo ao pescoço uma grinalda cuja cor e forma o espantaram, fazendo-lhe franzir as sobranceiras. O desgraçado não atingia ainda, naquele momento, a extensão do seu infortúnio; não tardaria a ser informado; viu a que amava aos pés do terrível Hitu, e seu pai contemplando a cena com espanto e desgosto.



Matahi era o melhor pescador da tribo...

(Continua.)

Efemérides da semana

27 de Fevereiro a 4 de Março

- Fevereiro 27 (1930) — Realiza-se em Paris a primeira exibição, no cinema «Paramount», do filme «A Parada do Amor».
- 28 (1929) — William Fox adquire uma grande parte do *contrôle* da «M.G.M.» e «Loew's», comprando acções à elevada cotação de 125 dolares.
- Março 1 (1907) — Nasce em Pittsburgh, Pa. a actriz Lois Moran.
- 2 (1923) — Leatrice Joy casa com John Gilbert.
- 3 (1931) — Morre no Hospital de Lariboisière, em França, o actor Gilbert Dalleu.
- 4 (1918) — E' apresentado em Paris o filme «Alerte», com Renée Sylvaire.

protagonistas, coadjuvados por alguns artistas muito nossos conhecidos, como Ernst Verebes e Hans Junkermann.

«Guloseimas» é uma fita despretenciosa, que se vê com agrado, onde do sorriso se passa, de vez em quando, à



gargalhada, como na sequência magnífica da liquidação dos géneros, de grande saliência cômica.

Programa Comp.^a Cinematográfica de Portugal. Estreada no «Olimpia» em 22 Fevereiro 1932.

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Pelos nossos Cinemas

(Continuação da página 12)

Dos restantes intérpretes, apenas Françoise Rosay (que, entre parentesis, e como simples esclarecimento, é a esposa do realizador Jacques Feyder), na Mlle. Edwige, tem um desempenho de valor.

«O Café do Felisberto» é um filme essencialmente comercial. E' um filme de Maurice Chevalier.

Autor: Tristan Bernard — «Le Petit Café». Cenaristas: Vincent Lawrence e Bataille Henri. Fotógrafo: Henry Gerard. Realizador: Ludwig Berger. Intérpretes: Albert, Maurice Chevalier;



Yvonne, Yvonne Vallée; Mlle. Edwige, Françoise Rosay; Felisberto, Émile Chautard; Pierre, André Berley; Paul Michael, George Davis; Cadeaux, Jacques Jerville, Mlle. Bérengère, Tania Fédor.

Produzida em 1930 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Trindade» em 23 Fevereiro 1932.

GULOSEIMAS: — Uma comédia alemã engraçada, engraçadíssima. E' pena que fosse apresentada numa versão mixta, uma parte toda falada, outra parte silenciosa e apenas musicada, o que lhe dá um aspecto de pouca juventude.

Mas nem' por isso deixa de cumprir com o seu objectivo de fazer rir. Harry Liedtke, crónico galã do cinema germânico e a loura francesinha Danièle (Amores da Meia-noite) Parola fazem os

BATALHA

(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

Grande êxito da magnífica comédia

1980

com os famosos comicos EL BRENDÉL e MARJORIE WHITE

Terça-feira, 1 de Março

Estreia da super-produção falada em espanhol

O PRESIDIO

que nos mostra quadros maravilhosos, nunca iguallados. A ânsia de liberdade.—Uma revolta de 3.000 presidiários. Metralhadoras e «tanks» em acção.

PREÇOS POPULARES

A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 6

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é válida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do «CINEMA»

Os portadores desta senha terão o desconto de 50 % nos seguintes espectáculos:

- TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 3 e 5 de Março
 OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 3 e 5 de Março
 PASSOS — Matinée de Quinta-feira, 3 de Março
 BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 3 de Março
 CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 5 de Março

Castelo Lopes, L.^{da}

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,

apresentará brevemente no Sorto:

O Mistério da Casa-Forte

com HARRY PIEL e DARY HOLM

O s F i l h o s

com JOHN BOLES e LOIS WILSON

Uma Aventura Amorosa

com M A R I E G L O R Y

Noites de Veneza

com JANINE GUISE e ROGER TRÉVILLE



Quatro filmes que serão quatro exitos